

# À procura de um líder do governo

**L**ÍDERES, o governo do presidente José Sarney dispõe deles em quantidade apreciável no âmbito da Constituinte — certamente mais do que já pôde dispor qualquer outro governo. Entre os deputados federais, por exemplo, o governo conta com um líder da maioria, recentemente nomeado pelo presidente, o líder do PMDB, o do PFL, e, se quiser, o líder do PTB estará aí mesmo para ajudá-lo — naturalmente em troca de alguns cargos do segundo escalão da República. Ninguém apóia de graça.

Informalmente, engrossa a lista de líderes do governo o todo-poderoso deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, da Câmara, da Constituinte e de quantos mais postos lhe oferecerem, pois seu apetite e sua disponibilidade para colecionar honrarias não encontram paralelo na história recente do parlamento. Sarney acabou de indicá-lo para liderar os entendimentos entre partidos para a aprovação do regimento interno da Constituinte. Ulysses confessou, candidamente, que detesta impasses.

Temos, pois, um governo bem provido de líderes — e, no entanto, poucos, ou apenas um entre eles, funcionam com eficiência e competência e exibem um acentuado grau de fidelidade ao governo que servem. O deputado José Lourenço, líder do PFL, tem conseguido livrar o governo de poucas e boas enrascadas. Como a mais recente delas, quando comandou a retirada do seu partido do plenário e evitou a aprovação de um regimento confeccionado sob medida para permitir a redução do mandato do presidente da República.

Com o deputado Luís Henrique, líder do PMDB, o presidente conta pouco. Queixa-se o deputado de estar sendo pouco prestigiado por Sarney quando o presidente, na verdade, é quem deveria ter motivo para se queixar do deputado. No episódio da votação que avalizou a participação na Constituinte dos senadores eleitos em 1982, o deputado, que ainda não era líder do PMDB, se absteve. Não teve coragem, contudo, de manter a abstenção quando seu voto, por engano, foi registrado como contrário à participação.

Engordou o cordão dos que desejavam a Constituinte exclusiva com o recesso, enquanto ela durasse, da Câmara e do Senado. Concordou com a convocação, pela Constituinte, do ministro da Fazenda para explicar em plenário a crise econômica — e só recuou porque o líder do PFL não admitiu que isso ocorresse. Ficou, uma vez mais, contra o interesse do presidente quando defendeu a proposta de regimento do senador Fernando Henrique. Finge que apóia o governo mas faz o jogo da esquerda do PMDB.

O deputado Carlos Sant'Anna, líder da maioria, encontra sérias dificuldades para operar com desenvoltura o jogo do governo e vive, ultimamente, em estado de solidão. Foi nomeado para ajudar a dividir o PMDB, atraindo a adesão dos moderados do partido que estejam dispostos a integrar um bloco de centro obediente ao comando de Sarney. Ulysses o pôs de quarentena. O deputado não tem um gabinete para despachar, ainda não dispõe de um horário para seus comunicados e a duras penas obteve um carro.

O próprio governo contribui para aumentar a aflição de Sant'Anna. Não o tem prestigiado como devia, omite-lhe informações importantes, sonega-lhe o conhecimento de decisões prestes a serem tomadas — e não bastasse isso, enfraquece sua autoridade na medida em que assessores do presidente não escondem a decepção que o deputado lhes causa. Sant'Anna ainda não se transformou no canal de comunicação entre a Câmara e o Palácio do Planalto. Luís Henrique e José Lourenço o atropelam constantemente.

Permanece rala ou inexistente a coordenação política do governo, que acaba, em última instância, sendo exercida por um presidente ocupado em administrar a crise econômica e em supervisionar, diretamente, o tratamento conferido à dívida externa. O ministro Paulo Brossard serve para passear sua coleção de chapéus pelo país afora. O ministro Marco Maciel auxilia o presidente nas tarefas de administração do governo. Ulysses não pode atuar em favor de um governo que sonha que dure pouco.

Falta um líder para liderar o bloco de Sarney que o episódio da não votação da proposta de regimento da Constituinte provou que existe e que, se bem conduzido, poderá ajudar a estabilidade de um governo crucificado na convergência de tantas crises. Falta, também, uma reforma do ministério para que Sarney possa, via a absorção de novas forças políticas, ampliar a base de sustentação do governo. Se organizar uma nova equipe à feição do parlamento, governará com mais tranquilidade.

Há modos e meios de o presidente tentar evitar um confronto direto com o PMDB do deputado Ulysses Guimarães. Tudo dependerá, naturalmente, da capacidade que o governo venha demonstrar na administração da crise econômica.

## Consequência, não causa

Do deputado Delfim Netto: "O FMI vem sempre atrás e não à frente da recessão."

## Sabedoria

Do ex-deputado Thales Ramalho: "No Brasil, é sempre assim: quando tudo está muito ruim, de repente fica bom."

Ricardo Noblat

(Interino)